

Márcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



'Ego trip'

O comportamento desvairado do ego, que os psicanalistas chamam de **ego trip**, é comum nos vencedores. Muitas vezes cega a quem ataca, escondendo o perigo e preparando as armadilhas do futuro. Quando não controlado, pode levar ao desastre, como ocorreu no episódio Rubens Ricupero. Cinco minutos de conversa sem restrições mentais, captados por antenas parabólicas, foram o suficiente para destruir uma imagem pública perfeita, construída ao longo de décadas de exemplares serviços à Nação. Não cabe indagar se o destino foi justo ou injusto. O destino é, e ponto. Inexorável.

Pode ser que me engane e mereça um puxão de orelhas do ectoplasma do Hélio Peregrino, grande mestre que foi da psicanálise política, mas detecto um certo risco de o Fernando Henrique estar embarcado numa **ego trip**. Aliás, tem todos os motivos do mundo para isso. Conseguiu uma vitória no primeiro turno com a mais ampla maioria da História da República. Os seus correligionários caminham para vencer as eleições nos estados que realmente importam, ampliando a sua base territorial e parlamentar. O seu giro pelos países do Mercosul foi uma sucessão de triunfos. Até as relações com Itamar Franco, que trata com o cuidado de quem dirige caminhão de nitroglicerina em estrada esburacada, atravessam uma fase de calmaria.

Os aliados do PFL, subitamente possuídos por um espírito de combate e sacrifício de samurai japonês, querem reduzir o tamanho do Estado e não fazem reivindicações pessoais. Até o PMDB parece moderar a sua gula. Ligou-me o governador Fleury para desmentir ter proposto subordinar à partilha de cargos o apoio a ser dado no Congresso às propostas do futuro governo. "Isso foi coisa do Jader Barbalho", disse. Barbalho caminha para uma derrota no Pará, frente a Almir Gabriel, do PSDB. Seu melhor parceiro, Iris Rezende, está tendo trabalho para fazer o sucessor no Governo de Goiás. O próprio senador Sarney, embora guarde intacta uma bancada poderosa, talvez não veja a filha

Roseana no Palácio dos Leões, em São Luís.

Se tudo corre bem no campo interno, no campo externo as coisas vão melhor ainda. A visita de Fernando Henrique a Buenos Aires foi um triunfo. No princípio, conta o embaixador Marcos Azambuja, houve incredulidade. Os jornalistas queriam saber como fora possível um intelectual da categoria de Fernando Henrique eleger-se no primeiro turno. Depois, foi a sedução. A entrevista a um programa de TV, equivalente ao "Jô Soares onze e meia", deixou a classe A, o seu público-alvo, conquistada e com uma ponta de inveja. Presidente tão letrado, capaz de citar com propriedade Max Weber, Merleau-Ponty e Montesquieu, deveria ter nascido na Argentina, pensaram, saudosos do tempo em que o historiador Domingo Faustino Sarmiento ocupava a Casa Rosada.

Politicamente, o entendimento com Menem foi franco e as divergências de detalhes com o ministro Domingo Cavallo foram adiadas. O Plano Cavallo enfrenta um vasto déficit na balança de pagamentos, que se procura cobrir com empréstimos externos até as eleições presidenciais de maio. As medidas amargas ficarão para depois e precisarão do apoio brasileiro.

Fernando Henrique diz que o Ministério nascerá pronto de sua cabeça, como Minerva da cabeça de Júpiter. Diz que será o seu próprio ministro da Fazenda, chefiando a equipe que criou. A coordenação do Governo será feita por ele, através de uma secretaria da Presidência. Comandar as negociações com o Congresso, para aprovar as reformas constitucionais. A condução da política externa, assunto que lhe interessa de perto, também será do domínio reservado da Presidência. No mínimo, pode faltar-lhe tempo.

A mãe de Napoleão, camponesa da Córsega, não se impressionava com o filho imperador, as filhas princesas e os outros filhos espalhados pelos tronos europeus. Dizia sempre: "Tomara que dure." Talvez fosse bom alguém em Brasília para dizer a mesma coisa.

* 9 NOV 1994